ISSN 2178-2229

DOI: https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n1e28113

Fontes (i)materiais na história de mulheres educadoras a partir de produções do grupo PEMO

Material and immaterial sources in the history of women educators based on the work of the PEMO group

Fuentes (i)materiales en la historia de las mujeres educadoras a partir de las producciones del grupo PEMO

Lia Machado Fiuza Fialho
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0393-9892

Lidiane da Silva Pereira
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6081-6405

Resumo: A pesquisa objetiva discutir a importância das fontes históricas (i)materiais para registrar e preservar a história e a memória das mulheres professoras que tanto contribuíram para a formação educacional da sociedade e que não foram devidamente valorizadas. O estudo ampara-se nos pressupostos teóricos da Nova História Cultural (Burke, 1992), com sua ampliação de sujeitos e objetos da História. A partir da análise das produções acadêmicas (teses e dissertações) do grupo Práticas Educativas, Memórias e Oralidades, vinculado à Universidade Estadual do Ceará, identificaram-se as fontes que subsidiaram as pesquisas biográficas com educadoras realizadas entre 2020 e 2024, bem como a maneira como elas foram tratadas para a (re)escrita de narrativas históricas no campo da história da educação. Concluiu-se que o caráter de fonte é suscitado a partir da problematização dialógica entre pesquisador e objeto e que o alargamento nos conceitos de fontes e sujeitos da história permitiu que novos olhares fossem lançados na escrita da biografia de educadoras.
Palavras-chave: história da educação; fontes históricas; biografia de educadoras; pesquisas biográficas; história das mulheres.

Abstract: The research aims to discuss the importance of historical (i)material sources for recording and preserving the history and memory of female teachers who contributed so much to the educational development of society and who were not properly valued. The study is based on the theoretical assumptions of New Cultural History (Burke, 1992), with its expansion of the subjects and objects of history. Based on the analysis of academic productions (theses and dissertations) from the Educational Practices, Memories, and Oralities group, linked to the State University of Ceará, the sources that supported the biographical research with educators conducted between 2020 and 2024 were identified, as well as the way in which they were treated for the (re)writing of historical narratives in the field of education history. It was concluded that the character of the source is raised from the dialogical problematization between researcher and object and that the broadening of the concepts of sources and subjects of history allowed new perspectives to be cast on the writing of the biography of educators.
Keywords: history of education; historical sources; biographies of female educators; biographical research; history of women.

Resumen: La investigación tiene como objetivo discutir la importancia de las fuentes históricas (i)materiales para registrar y preservar la historia y la memoria de las mujeres profesoras que tanto contribuyeron a la formación educativa de la sociedad y que no fueron debidamente valoradas. El estudio se basa en los supuestos teóricos de la Nueva Historia Cultural (Burke, 1992), con su ampliación

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

de sujetos y objetos de la Historia. A partir del análisis de las producciones académicas (tesis y disertaciones) del grupo Prácticas Educativas, Memorias y Oralidades, vinculado a la Universidad Estatal de Ceará, se identificaron las fuentes que sustentaron las investigaciones biográficas con educadoras realizadas entre 2020 y 2024, así como la forma en que fueron tratadas para la (re)escritura de narrativas históricas en el campo de la historia de la educación. Se concluyó que el carácter de fuente surge a partir de la problematización dialógica entre investigador y objeto y que la ampliación de los conceptos de fuentes y sujetos de la historia permitió que se lanzaran nuevas miradas en la escritura de la biografía de educadoras.
Palabras clave: historia de la educación; fuentes históricas; biografía de educadoras; investigaciones biográficas; historia de las mujeres.

1 Introdução

Durante séculos a história foi escrita por homens e sobre os homens, pois focava em enaltecer trajetórias políticas, grandes feitos e figuras de prestígio social e econômico (Le Goff, 2013). Elaboravam-se as narrativas hagiográficas exemplares, dos heróis de guerra, dos reis, dos escolhidos para protagonizar a história (Dosse, 2015).

Nesse contexto histórico, majoritariamente marcado pelos registros masculinos, por muito tempo, as mulheres tiveram suas tramas excluídas da história oficial, sendo silenciadas e negligenciadas, afinal, elas tinham sua atuação predominantemente limitada ao espaço privado, o espaço do lar, para o qual não se dava a devida importância (Fialho; Santos; Sales, 2019). Ademais, pelo fato de as mulheres terem tido acesso tardio à escrita, seus relatos estavam relegados ao segredo, eram esquecidos entre páginas de diários, protegidos por cadeados para nunca serem publicizados. Logo, o relato historiográfico pertencia aos homens (Perrot, 2019).

Era dos homens o discurso dominante que pautava as narrativas do que era tido como fatos ou acontecimentos históricos, reverenciando-os na historiografia oficial. De tal modo, os seus resquícios eram considerados fontes para explicar a dinâmica social ao longo do tempo. Não diferente, o domínio no campo discursivo, também, elucidava essa relação de poder masculino (Foucault, 2012).

Foi apenas após uma quebra de paradigmas no campo do fazer historiográfico, proposta pela terceira geração da Escola dos Annales, na metade do século XX, que os historiadores ampliaram as possibilidades de pesquisa, ao redimensionar a compreensão sobre o que poderia ser considerado fonte histórica, considerando como tal tudo o que pudesse contar a história das pessoas ao longo do tempo (Burke, 1992). Diante dessa concepção, grupos antes invisibilizados (mulheres,

negros, crianças, indígenas etc.) passaram a ganhar espaço nas narrativas históricas e a serem reconhecidos como sujeitos da história.

Por conseguinte, os estudos na área passaram a ampliar a discussão de fontes da história. A influência da antropologia trouxe para a história a perspectiva de cultura imaterial, que envolve “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados [...]” (Unesco, 2003, p; 04).

Nessa conjuntura, para contar as trajetórias femininas, a partir de suas atuações na esfera privada ou pública, careciam-se de fontes, o que obrigou os pesquisadores da área a recorrerem a um mosaico de possibilidades: desde fontes materiais, como documentos oficiais, diários, impressos, objetos pessoais e fontes imagéticas, a fontes imateriais, como relatos orais, músicas e práticas cotidianas. O entrecruzamento dessas fontes materiais e imateriais tornou-se fundamental para a compreensão e para a escrita de uma história das mulheres. Visitar os seus relatos autobiográficos, ouvir suas rememorações, ler suas anotações, analisar fotografias e pinturas, identificar as representações imbricadas nos adornos, utensílios e vestuário utilizados tornaram-se imprescindíveis para uma história escrita pelas e para as mulheres.

A partir disso, focar nas contribuições da história das mulheres para a história da educação remete à necessidade de se pensar no quanto as educadoras foram silenciadas dos relatos oficiais desse campo de atuação. Isso posto, este estudo pretende discutir a importância das fontes materiais e imateriais, respectivamente, vestígios tangíveis e intangíveis, para registrar e preservar a história e a memória das mulheres professoras que tanto contribuíram para a formação educacional da sociedade e não foram devidamente valorizadas.

Esta pesquisa torna-se relevante por propor uma reflexão teórico-metodológica sobre as possibilidades das fontes na escrita da história das mulheres educadoras a partir dos pressupostos teóricos da Nova História Cultural e da experiência de escrita de estudos biográficos hermenêuticos desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO), institucionalizado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e chancelado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em vista disso, discute-se os caminhos teóricos e metodológicos a serem percorridos por quem se debruça na escrita da história de educadoras, enfatizando o uso de fontes históricas, sua materialidade e as possibilidades de pesquisas a partir do seu entrecruzamento. Por consequência, foca-se na experiência das pesquisas realizadas no PEMO, onde as autoras deste capítulo inserem-se como pesquisadoras.

O grupo PEMO foi criado no ano de 2014, sendo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UECE no ano de 2015, com o objetivo de contribuir com estudos, pesquisas e discussões acerca de práticas educativas, memórias e oralidades de educadoras. Ao longo de mais de uma década, as pesquisadoras do PEMO vêm-se debruçando em biografar mulheres professoras, principalmente cearenses, discutindo suas contribuições para a história da educação.

Os estudos desenvolvidos pelo grupo partem de uma perspectiva da biografia hermenêutica, por tentar ser fiel à realidade sem pretender compreendê-la totalmente, todavia, preza por uma narrativa reflexiva e interpretativa, que se opõe a determinismos, verdades inquestionáveis e causalidades rigorosas (Dosse, 2015). Nessa perspectiva, Levi (2006) afirma que a corrente hermenêutica da biografia propõe uma maior problematização do material biográfico, o que sugere mais rigor metodológico.

Cabe pontuar, ainda, que as pesquisas do grupo PEMO não se propõem a definir um tipo ideal de educadora, ao contrário, elas buscam abranger uma pluralidade de trajetórias femininas, registrando a contribuição das mulheres no contexto educativo, preservando as histórias de vida femininas e valorizando-as como protagonistas. Assim, já foram biografadas educadoras leigas (Aída Balaio, Maria Lilian Teixeira), educadoras indígenas (Raimundinha Marques Tremembé, Iraci Cassiano Soares), educadoras negras (Zuleide Queiroz, Zelma Madeira), educadoras trans (Letícia Carolina Pereira do Nascimento, José Honorata Neta), educadoras da elite (Henriqueta Galeno, Alba Frota e Edite Braga), educadoras religiosas (Irmã Maria Montenegro, Irmã Rita), educadoras políticas (Maria Luiza Fontenele, Izolda Cela), dentre outras.

Para narrar a vida das mulheres educadoras com foco em suas trajetórias formativas e nas atuações no campo educacional, foi preciso considerar as complexidades imbricadas nas diversas particularidades das existências femininas, situadas em diferentes contextos sociais, políticos, culturais e educativos e em tempos

históricos distintos. Em vista disso, elegeram-se os pressupostos teóricos da história cultural para amparar os estudos do tipo biográfico hermenêutico (Dosse, 2015).

Feitas essas considerações introdutórias, aborda-se a seguir como a "nova" história cultural colaborou para redimensionar a noção de fonte histórica e possibilitar a realização científica de biografia de educadoras. Na sequência, discute-se a importância das fontes materiais e imateriais na escrita da história das mulheres. Em seguida, analisa-se as dissertações e as teses produzidas pelo grupo PEMO nos últimos cinco anos com ênfase nas fontes utilizadas. Por fim, debate-se acerca do uso da história oral nas produções biográficas de educadoras na história da educação por ser a fonte oral a de maior predominância.

2 A "nova" História Cultural e a ampliação de sujeitos e problemas históricos

Como mencionado na parte introdutória deste capítulo, no século XIX, a história focava nos grandes feitos políticos e no protagonismo masculino. Influenciada pelo pensamento de Leopold von Ranke, ela buscava o status de ciência objetiva, para a qual o historiador apresentava os fatos aos leitores "como eles realmente aconteceram" (Burke, 1992, p. 15). Essa história dita rankeana deve ser lida como o paradigma tradicional da história.

> Poderíamos também chamar este paradigma de a visão do senso comum da história, não para enaltecê-lo, mas para assinalar que ele tem sido com frequência — com muita frequência — considerado a maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado (Burke, 1992, p. 15).

Nessa direção, apesar de essa concepção de história já ter sido questionada em estudos posteriores (Le Goff, 2013; Bloch, 1941; Barros, 2013), ela continua influenciando o fazer historiográfico e a percepção que muitas pessoas têm acerca do que constitui o objeto dos historiadores. Inclusive, a história positivista ainda está presente em muitos livros didáticos, relegando a cultura e os sujeitos comuns a segundo plano de importância, enquanto as trajetórias políticas dos homens e suas conquistas perpassam a maior parte dos conteúdos (Medeiros *et al*., 2021).

No início do século XX, no entanto, a ciência historiográfica começou a ser influenciada por outras ciências, principalmente pela sociologia e pela antropologia, passando de uma "história narração" para uma "história-problema" (Cardoso, 1997). Muitos historiadores começaram a dar-se conta de que não era possível escrever uma

história objetiva, pois o homem a escreve a partir de suas experiências e dos valores que foram constituindo-o ao longo do tempo, de maneira que o fato histórico é reinterpretado a partir ponto de vista de quem o narra.

Emerge a proposição de uma história-problema e não mais de uma história estática, compreensão está consolidada a partir da Escola dos Annales, fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, a partir da revista *Annales d'histoire économique et sociale*. O movimento dos Annales pautou a mudança de paradigma do fazer historiográfico propondo um novo olhar e uma nova prática, como explica Castro (1997, p. 42):

> A revista e o movimento fundados por Bloch e Febvre, na França, em 1929, tornaram-se a manifestação mais efetiva e duradoura contra uma historiografia factualista, centrada nas ideias e decisões de grandes homens, em batalhas e em estratégias diplomáticas. Contra ela, propunham uma história-problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico.

Esse alargamento de objetos está pautado principalmente na terceira fase da Escola dos Annales, na década de 1970, influenciada principalmente pelos historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora, que lançaram uma coletânea intitulada *Faire l'histoire*, propondo a ampliação de problemas, abordagens e objetos da história (Le Goff; Nora, 1979). "Na amostragem de novos objetos da história, encontram-se trabalhos sobre o clima, o inconsciente, o mito, o cotidiano, as mentalidades, a língua" (Janotti, 2023, p. 15).

A partir disso, as pesquisas passaram a considerar toda ação humana como objeto da história. Em consequência, houve uma ampliação de estudos interdisciplinares, com os mais variados enfoques, gerando críticas sobre o excesso de fragmentação. A história passou a ser vista "[...] como um campo fragmentado, compartimentado, partilhado em uma grande gama de subespecialidades e atravessado por muitas e muitas tendências" (Barros, 2013, p. 9).

Essa fase da superespecialização da história, a terceira fase da Escola dos Annales, ficou conhecida como "Nova História", caracterizando-se, segundo Peter Burke (1992), pela valorização daquilo que se opõe. "O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma "construção cultural", sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço" (Burke, 1992, p. 11).

A partir dessa mudança de paradigma, é possível discutir também o surgimento da “Nova História Cultural”, que ganhou força na década de 1980. Barros (2013, p. 56) ressalta que esse termo faz referência a tudo que se “tem voltado para a dimensão cultural de uma determinada sociedade”. Assim, a Nova História Cultural não foca apenas na cultura dita erudita, mas em todas as expressões culturais.

> Ela abre-se a estudos os mais variados, como a ‘cultura popular’, a ‘cultura letrada’, ‘as representações’, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura” (Barros, 2013, p. 55).

Nessa perspectiva, cumpre pontuar a relevância dos estudos do historiador Roger Chartier, que introduz os conceitos de “práticas” e “representações", essenciais para o entendimento das relações sociais culturalmente mediadas. Barros (2013) comenta que as práticas culturais seriam os usos e os costumes, “os modos de fazer”; já as representações corresponderiam aos “modos de ver”. Todavia, “As representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos, mas não se restringe a eles” (Barros, 2013, p. 82).

Em suma, compreendendo a impossibilidade de se atingir a objetividade e as particularidades inerentes à área das Ciências Humanas, os pesquisadores atravessaram o século XX buscando no sujeito e na sua subjetividade o seu objeto de investigação, sem perder de vista o rigor metodológico como possibilidade de escrita, que no tocante aos estudos históricos, diz respeito à forma como os pesquisadores lidam com as fontes. Consoante a isso, importa discutir a (i)materialidade das fontes, especialmente, no tocante ao universo feminino, para o qual esta pesquisa dedica-se.

3 A história das mulheres e a (i)materialidade das fontes

> As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade, de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio do mar abissal (Perrot, 2019, p. 16).

Como pontua Perrot (2019) na epígrafe acima, há um silenciamento profundo no que concerne à presença feminina nos relatos historiográficos até metade do século XX. Apesar do considerável número de estudos abordando as mulheres e suas trajetórias após a década de 1980, a pesquisa no campo da história das mulheres passou por paulatinas transformações em ritmo lasso ao longo do tempo para que

fossem protagonizadas na esfera pública. “A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público” (Perrot, 2019, p. 15).

Inclusive, importa salientar que com a ampliação de possibilidades de pesquisas decorrentes da nova concepção sobre o que seriam fontes históricas, assim como no caso das mulheres, outros sujeitos começaram a ser vistos como protagonistas de suas práticas: operários, pessoas comuns, crianças, educadores, dentre outros. Afinal, a história ampliava o seu olhar, seus objetos e seus problemas.

As mulheres, então, passaram a ser objeto de um número relevante de estudos no século XXI. Silva (2008) aponta a relevância de se problematizar os fatores que contribuíram para que as mulheres passassem a fazer parte da narrativa histórica, com destaque para as próprias mulheres inseridas nas universidades como pesquisadoras, pois elas tendem a estudar algo próximo a elas.

> A descoberta de que as mulheres possuíam uma história e que valia a pena procurar por ela, resultou, assim, dos próprios questionamentos que elas, num determinado momento de suas vidas, fizeram acerca de si próprias, rejeitando uma estrutura de supremacia masculina solidamente aceita e negando a ideia clássica da inferioridade do sujeito feminino (Silva, 2008, p. 225).

Destarte, ao olhar para o silenciamento em torno dos feitos femininos no relato historiográfico, as pesquisadoras puderam diminuir o abismo de gênero existente nas narrativas históricas. Assim, destaca-se o trabalho da historiadora Natalie Zemon-Davis, por ampliar o escopo de fontes em suas pesquisas sobre pessoas comuns, em especial as mulheres. Ao se aproximar da antropologia e da teoria literária, a autora buscou analisar as práticas culturais nos séculos XVI e XVII.

Na obra Nas Margens, lançada em 1995, Natalie Davis conta a história de três mulheres do século XVII: Glikl bas Judah Leib, judia, Marie de l'Incarnation, freira, e Maria Sibylla, naturalista e pintora. Para discutir a trajetória dessas mulheres, Davis amplia a noção de fontes, analisando correspondências, relatos pessoais e ilustrações.

> No caso de Glikl vimos sua relação com não-judeus; [...] Marie de l’Incarnation e Maria Sibylla Merian constataram que as margens envolviam verdadeiras relações de poder com povos não-europeus – Marie como mestra matriarcal de ameríndios, Maria como proprietária de escravos africanos, caraíbas e arauaques. (Davis, 1997, p. 21-22).

Davis (1997) faz questão de trazer as trajetórias dessas mulheres que estão à margem, silenciadas pelos relatos oficiais. Apesar de buscar essas personagens, a autora não queria mostrá-las como sujeitos passivos de uma época, ela procurava mostrar o protagonismo dessas mulheres. “Muito pelo contrário, ela demonstra como essas mulheres tiraram o máximo de proveito da situação em que viviam” (Basso, 2010, p. 214).

A partir do trabalho de historiadoras como Natalie Davis e Michele Perrot, fica o questionamento: como encontrar fontes que falem sobre as mulheres se seus vestígios não eram valorizados ou preservados? Como mostrar à sociedade que os feitos femininos importam para a história e, em especial, para a história da educação?

A dificuldade em reconstituir seus passos, suas ações e suas contribuições já se constitui um indício de seu silenciamento. Com efeito, a memória social da vida das mulheres foi-se “[...] perdendo mais por esquecimento ideológico do que por uma real inexistência de documentos” (Dias, 1984, p. 7).

A escrita sobre as mulheres, assim como sobre os demais sujeitos históricos, carece de fontes e de mapeamento dos seus rastros. Em consequência disso, esse processo de escrita torna-se um trabalho árduo e que exige do pesquisador o uso de uma multiplicidade de fontes e de métodos de pesquisa. Como ressaltam Xavier, Fialho e Vasconcelos (2018, p. 34), “os métodos são os caminhos a serem trilhados com intencionalidade e movimento no percurso da pesquisa”.

O caminho a ser percorrido no desenvolvimento de pesquisas com mulheres dependerá do objeto a ser estudado, do referencial teórico a ser utilizado e da disponibilidade das fontes. Não há pesquisa histórica sem fontes, mas é imprescindível ampliar o olhar na compreensão do que pode ser considerado uma fonte de pesquisa, especialmente quando o feminino está em análise. Afinal, as fontes históricas são constituídas de todo resquício de vida no tempo, e muitas mulheres deixaram registros de seus rastros que ainda não foram apagados, seja por meio de fontes imagéticas, impressos, utensílios, vestuários, cartas, diários, pinturas, narrativas oralizadas, documentos pessoais, institucionais e oficiais, dentre outras.

Para além do encontro com as fontes, interessa compreender que o caráter de cientificidade da pesquisa configura-se pela forma como o pesquisador analisa suas fontes e consegue dialogar com elas. Por conseguinte, é preciso que as fontes sejam problematizadas para que elas não sejam tomadas como verdades absolutas.

Como destaca Le Goff (2013), o documento precisa ser compreendido em seu sentido amplo.

Em vista disso, no exercício da escrita biográfica da história de mulheres educadoras, o pesquisador lida com uma multiplicidade de possibilidades de fontes históricas. No entanto, como ressalta Barros (2020, p. 12), é a relação dialógica entre o problema da pesquisa e os rastros encontrados que dará corpo a uma fonte da história.

> Constituir fontes – conforme muitos outros exemplos que poderiam ser dados – é deslocar os documentos de seus locais e funções originais, ou trazê-los à tona de seu oceano silencioso, e iluminá-la com novos problemas. Sim, o problema constitui a fonte. Mas, por outro lado, um passado-presente que chegou até nós sob a forma de um texto ou de um objeto, de uma fotografia ou de um vestígio de qualquer tipo, também pode inspirar ou recolocar problemas para os historiadores. O problema e a fonte, por assim dizer, constituem um ao outro em uma relação dialética.

Portanto, de nada importa reunir um robusto acervo de documentos sobre o feminino, se o pesquisador não fizer as perguntas corretas. De nada adianta reunir informações, se elas não forem devidamente problematizadas. O sentido da narrativa historiográfica é constituído a partir dessa relação historiador, objeto e documentos; uma dialética reflexiva e hermenêutica que não pode ser destituída da subjetividade e de um rigoroso trato com as fontes para possibilitar, a partir da problematização, novas versões da história em que as mulheres ganham notoriedade.

A partir do exposto, discute-se, no tópico a seguir, trabalhos produzidos pelo grupo PEMO com ênfase nos tipos de fontes utilizadas neles, na perspectiva de se constituir narrativas sobre as contribuições de educadoras para a história da educação. A pluralidade de fontes utilizadas permite que se tenha uma melhor compreensão da complexidade dos sujeitos biografados e de suas trajetórias.

4 As fontes utilizadas nas pesquisas biográficas do grupo PEMO

O uso de biografias no campo da história da educação tem crescido bastante no início do século XXI, especialmente sobre mulheres. Esse uso acompanha as mudanças ocorridas no campo da história após a década de 1980 já que, em tempos anteriores, as biografias eram consideradas pelos historiadores como estudos menores por conta da sua característica exemplar, com as hagiografias, ou de exaltação dos homens considerados grandes heróis.

Dosse (2015) ressalta, no entanto, que o gênero se modificou ao longo dos séculos, principalmente após a terceira geração dos Annales. Assim, a biografia passou a ser vista como uma escrita possível de cientificidade. “O fato de se considerar o homem como fundamentalmente plural, mantenedor de vínculos diversos, modifica a abordagem do gênero biográfico” (Dosse, 2015, p. 297).

Dito isso, o sujeito a partir do novo paradigma biográfico passa a ser visto a partir das suas contradições e ambiguidades, considerando as individualidades e coletividades, a vida humana indissociável de seu contexto histórico. Como pontua Viñao Frago (2002), é importante considerar a subjetividade e a experiência pessoal dos sujeitos ao se analisar fatos históricos.

Com essa compreensão, cumpre pontuar que, nos estudos desenvolvidos pelo grupo PEMO, recorre-se ao uso de biografias hermenêuticas como possibilidade de escrita de narrativas de vida com foco na formação educativa e atuação profissional de mulheres professoras, dando visibilidade às mulheres educadoras e às suas contribuições educativas (Fialho; Souza, 2023).

“O conjunto dos fatos ligados a um indivíduo, por mais corretamente que seja descrito, não é suficiente para explicá-lo” (Avelar; Schmidt, 2018, p. 8). Decerto, não se objetiva abordar todas as nuances de uma vida feminina, mas contextualizar a vivência e a experiência de determinadas educadoras, registrando e preservando suas histórias ao tempo em que se faculta a ampliação da compreensão sobre a história da educação. Ademais, ao problematizar a atuação de uma educadora como sujeito em determinada época, a partir de uma perspectiva hermenêutica, é possível discutir aspectos relevantes da história da educação, como currículos, trajetórias formativas e práticas educativas, bem como tais aspectos foram-se alterando ao longo da história.

Optou-se, então, por elencar as teses e dissertações produzidas pelo grupo PEMO nos últimos cinco anos (2020-2024) sobre biografia de educadoras e os tipos de fontes utilizadas nos estudos. Em razão disso, foi possível mapear os tipos de fontes que puderam ajudar na composição de sentidos na escrita biográfica hermenêutica feminina. A propósito, cada pesquisadora foi compondo a sua teia de significados a partir das fontes manuseadas, enriquecendo, assim, as discussões sobre a atuação dessas educadoras na história da educação.

Quadro 1 – Teses e dissertações desenvolvidas no PEMO/UECE sobre biografia de educadoras, no período de 2020-2024

TÍTULO	TIPO	AUTORA	FONTES UTILIZADAS	ANO
Biografia da educadora Alba de Mesquita Frota e sua atuação na Cidade da Criança (1937-1954)	Dissertação	Stascxak, Francinalda Machado.	Documentos paroquiais, diários oficiais, certificados, revistas, lápide do túmulo da biografada, fotografias, relatos orais.	2021
Biografia Educacional de Luiza de Teodoro	Tese	Freire, Vitoria Chérida Costa.	Processos e fichas criminais da biografada, livros, poesias, convites, atas, fotografias e relatos orais.	2022
A educação de Maria Lilian Teixeira: da infância no lixão ao ensino superior (1984 2014)	Tese	Carvalho, Scarlett O' Hara Costa.	Documentos escolares, certificados, documentos pessoais, matérias de jornais, fotografias e relatos orais.	2022
"Não posso ser professora da aldeia, mas posso ser prefeita da cidade": Biografia de Iraci Cassiano Soares	Tese	Mendes, Marcia Cristiane Ferreira.	Documentos escolares, documentos pessoais, relatórios indígenas, acervos da Funai, fotografias e relatos orais.	2022
Maria José Barbosa e sua contribuição para a educação de jovens e adultos no Ceará (1995 a 2015)	Dissertação	Nogueira, Aurinete Alves.	Documentos escolares, diploma de graduação, reportagem de jornal, tese da biografada, fotografias e relatos orais.	2023
Reminiscências sobre as condições educativas no interior cearense a partir das docências de Marieta Benício e Maria José de Sousa (1936-1984)	Tese	Sousa, Francisca Genifer Andrade de.	Nota biográfica, carta, convite, cartão de saúde, vídeos, fotografias e relatos orais.	2023
Adelaide Gonçalves: memórias de formação, contribuições docentes e utopias concretas de uma educadora, historiadora e militante política e social do Ceará (1978-2019)	Tese	Sousa, Ana Carolina Braga de.	Fotografias, matérias de jornais, documentos escolares, memorial autobiográfico da autora, livros, panfletos e relatos orais.	2023
Raimundinha Marques Tremembé: protagonista da Educação Indígena Diferenciada no Ceará (1991-2009)	Tese	Pinto, Arliene Stephanie Menezes Pereira.	Álbum fonográfico, álbum musical, livros, decretos, matéria jornalística, sites da internet, vídeo do YouTube, memorial da biografada e relatos orais.	2023
Educação e docência da Travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018)	Tese	Costa, Maria Aparecida Alves da.	Fotografias, convites, certificados, memorandos e relatos orais.	2023
A atuação da educadora Edite Braga na Escola Normal do	Dissertação	Pereira, Lidiane da Silva.	Documentos paroquiais, matérias de jornais, documentos pessoais e fotos,	2024

Ceará (1922-1938)			documentos oficiais, túmulo da família, livros, e relatos orais.	
Biografia de uma educadora quilombola: formação docente e atuação da Maria do Socorro Eugenio da Silva (1955-2001)	Tese	Cunha, Fernanda Ielpo da.	Certificados, documentos escolares, documentos oficiais, legislação educacional, fotografias e relatos orais.	2024

Fonte: As Autoras

Os trabalhos foram acessados na íntegra, com ênfase na seção metodológica, mediante consulta ao site do PPGE/UECE onde as dissertações e teses estão disponibilizadas publicamente: https://www.uece.br/ppge/pesquisa/dissertacoes/, no dia 07 de março de 2025. Todos os trabalhos na temporalidade definida, desenvolvidos na linha A do PPGE, denominada "Formação, Didática e Trabalho Docente", que estavam inseridos no núcleo "História e memória da formação de professores", originários de pesquisa no âmbito do PEMO foram incluídos. Isso porque o referido núcleo informa em sua ementa que:

> Dedica-se a discutir a história da educação com ênfase na educação e atuação profissional feminina, a partir da biografia de mulheres educadoras. Ao destacar seus contextos socioculturais na interface com os percursos formativos e as práticas pedagógicas, preserva a memória das mulheres, das instituições escolares e de suas contribuições para o cenário educacional (PPGE UECE, 2025, sp.)[1].

O mapeamento das fontes utilizadas para as narrativas biográficas permitiu inferir que houve a predominância da fonte oral, seja ela autobiográfica coletada com a própria biografada ou relatos de pessoas que conviveram com a biografada (familiares, colegas de trabalho, ex-alunos etc.). Todos os trabalhos desenvolvidos recorrem ao entrecruzamento dessas narrativas a outras fontes, tais como documentos disponíveis em arquivos de acesso público, objetos pessoais das biografadas, livros de memória, registros imagéticos, reportagens de revistas e jornais, documentos escolares, dentre outros.

Sobre a escolha da história oral, cumpre pontuar que, ao contrário de tomar a fonte oral como verdade inquestionável e narrativa inconteste, ela precisa ser compreendida na sua singularidade, composta por fragmentos de muitas vivências, intencionalidades e subjetividades que, por vezes, escapam ao olhar das

[1] Para saber mais sobre as linhas, núcleos e ementas do PPGE/UECE, consultar as ementas disponíveis em: https://www.uece.br/ppge/ensino/linha-de-pesquisa/doutorado/.

pesquisadoras. Como afirma Portelli (2006, p. 106), ao trabalhar com a história oral, “Estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideologicamente e culturalmente mediadas”.

Numa perspectiva classificatória, as fontes materiais, como vestígios físicos das atividades das educadoras mais analisadas foram: documentos históricos, impressos, manuscritos, livros e fotografias. No entanto, foi o rol de fontes imateriais as mais discutidas, geralmente visitadas por meio da oralidade, tais como as entrevistas em história oral, celebrações escolares, manifestações religiosas, hábitos, costumes, danças e práticas educativas.

Como ressalta Le Goff (2013), esses resquícios de memória não fazem sentido isoladamente, pois eles precisam ser problematizados a partir de quem os produziu, o motivo de terem sido guardados, quem os guardou. Especialmente na pesquisa biográfica com mulheres educadoras vivas, onde há o risco de as biógrafas deixarem-se conduzir pelo biografado. Afinal, o pesquisador não pode restringir-se a contar a história pautada apenas pelos documentos guardados intencionalmente pelo biografado e cedidos por ele.

Nas pesquisas analisadas, destaca-se o trabalho de Francinalda Stascxak (2013). A pesquisadora, ao biografar a educadora já falecida Alba Frota (1937-1954), durante um período de isolamento social por conta da Covid-19, buscou os familiares da biografada em grupos de redes sociais. Apesar da escassez de documentos e da dificuldade de acesso aos arquivos, Francinalda Stascxak (2013) foi constituindo a narrativa sobre a atuação de Alba Frota na Cidade da Criança ao mobilizar documentos paroquiais, o diário oficial do estado e município, certificados, revistas, lápide do túmulo da biografada, fotografias e relatos orais.

Já Stephanie Pereira (2023) e Márcia Mendes (2022) desenvolveram biografias de educadoras indígenas considerando suas narrativas orais, contudo precisaram recorrer à compreensão de legislação específica e formas de expressão próprias dos povos analisados, como os cânticos entoados pelos Tremembés e Potiguaras. No que se refere ao uso de cânticos como fonte histórica, Napolitano (2023, p. 236) salienta que é “[...] preciso perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade”.

Dando sequência à análise, Fernanda Cunha (2024) estudou a educadora quilombola, Maria do Socorro Eugenio da Silva, a primeira educadora negra a ser alfabetizada e a atuar como professora leiga em sua comunidade. A partir de visita ao Instituto de Previdência Municipal de Quixadá (IPMQ), a pesquisadora conseguiu acesso à parte consistente do histórico disponível sobre o processo formativo de Maria do Socorro para ampliar a compreensão das narrativas orais que conduziram a perambula.

Vitória Freire (2022), dentre as fontes elencadas, apresenta um trabalho de análise de fichas criminais da educadora Luiza de Teodoro, mulher negra, militante, perseguida política durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Através dos inquéritos, é possível perceber que a biografada era procurada pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) por ação considerada subversiva. No entanto, o entrecruzamento desse documento com relatos orais, mostra que, por conta de relações pessoais construídas, a educadora não foi presa. Logo, é possível compreender como o contraponto entre a multiplicidade de fontes torna-se essencial no exercício da escrita biográfica.

Carolina Sousa (2023) e Maria Aparecida Costa (2023) escreveram biografias de professoras acostumadas a conduzir a própria narrativa através da militância em seus campos de atuação. O desafio, nesse caso, esteve em conduzir uma escrita dissociada da “escrita de si”, valorizando também as fontes documentais, imagéticas e impressos, para além das fontes orais priorizadas.

Lidiane Pereira (2024), ao biografar uma educadora do início do século XX, recorreu ao entrecruzamento de arquivos privados e públicos, problematizando as fontes guardadas pela família da biografada e entrecruzando-as às encontradas em outros acervos, como fontes documentais disponíveis no Arquivo Público do Ceará e matérias de jornais disponíveis na Biblioteca Pública e na Hemeroteca Nacional. Assim, a pesquisadora conseguiu contrapor os discursos, não sendo conduzida pelas narrativas impostas pela família da biografada.

Scarlett Carvalho (2022) discorreu sobre o contexto educacional diferenciado de Maria Lilian Teixeira. O trabalho foca no percurso percorrido pela educadora que a possibilitou ingressar na universidade apesar da infância pobre como catadora em um lixão. A autora entrecruza, assim, relatos orais a documentos escolares da biografada e reportagens sobre a sua atuação na comunidade.

Já Aurinete Nogueira (2023) e Francisca Sousa (2023) contam a trajetória de educadoras priorizando a narrativa oral, ainda que fontes imagéticas e escritos autobiográficos tenham sido utilizados. No estudo biográfico “Maria José Barbosa e sua contribuição para a educação de jovens e adultos no Ceará (1995 a 2015)”, de Aurinete Nogueira (2023), a autora utilizou os documentos escolares da educadora Maria José, através dos quais conseguiu inferir aspectos importantes da formação escolar de Maria José Barbosa. No entanto, a fonte primordial trabalhada no referido estudo foi a oralidade.

O uso recorrente da história oral justifica-se tanto pelo tipo de estudo desenvolvido, o biográfico, como pelo fato de muitas das biografadas ainda estarem vivas ou terem morrido recentemente, o que torna possível produzir fontes orais. A partir dessa constatação, é importante trazer à baila discussões sobre o substrato que compõe a história oral enquanto metodologia pela sua predominância nos produtos analisados, já que envolve diversas armadilhas e possiblidades que foram consideradas.

Como se sabe, as fontes imateriais são aquelas que não são palpáveis, pois não possuem um suporte físico, mas são relevantes para melhor compreender a história das pessoas tanto no âmbito individual como coletivo. Várias fontes imateriais foram mobilizadas nas pesquisas biográficas de educadoras, pois havia registro de cerimônias ou celebrações (aniversário, doutor do ABC, baile de formatura, entre outras), rituais religiosos (comunhão, casamento, festa de Natal), modos de viver (com destaque a organização familiar e educacional), dança (a exemplo do torem), expressões regionais, mitos etc. Contudo, a história oral ganhou destaque neste texto pela predominância com que foi utilizada nas pesquisas do PEMO.

Observou-se que, com o intuito de dar materialidade às fontes orais, sempre houve o cuidado de desenvolver entrevistas bem planejadas, com o registro do local, da duração da entrevista e da descrição do entrevistado, bem como o desenvolvimento do registro por meio de gravações e transcrições, preservadas para a posteridade. A originalidade das fontes produzidas ganhava maior relevo a partir do olhar crítico e reflexivo das pesquisadoras, que cuidavam para identificar as intenções do produtor e extrair informações sobre o passado interrelacionando nuances da vida individual com o contexto socio-histórico e educacional em tela.

A história oral, metodologia adotada para o manejo dos relatos orais, suscitou, no entanto, rigor teórico e metodológico para que as pesquisadoras não se deixassem conduzir pelo relato do entrevistado, evitando o caráter heroico da narrativa. As escritas biográficas tenderam a recorrer a essa metodologia, principalmente, quando se elegeu uma biografada contemporânea, o que obrigou as historiadoras da educação a recorrerem aos estudos do campo da História do Tempo Presente.

Bédarida (2006) define a História do Tempo Presente como algo inacabado, em constante movimento e chama atenção para o fato de que essa proximidade temporal e o caráter dinâmico tornam os estudos dentro do campo ainda mais difíceis. "[...] Uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto, objeto de uma renovação sem fim" (Bédarida, 2006, p. 229). Essa renovação sem fim da História do Tempo Presente exige maturidade metodológica do pesquisador.

Assim, por reconhecerem que essa proximidade temporal entre as pesquisadoras e as memórias suscitadas a partir do uso da história oral traz suas seduções, percebeu-se o cuidado com a ilusão biográfica apontada por Pierre Bourdieu (2006). Para o autor, quem se propõe a narrar a própria vida, estabelecendo suas próprias conexões para os acontecimentos, cria uma versão artificial de si.

Albuquerque Júnior (2007) também aponta os perigos desse método, como o uso da oralidade como prova ou como verdade em si ao destacar os riscos da identificação entre sujeito e objeto da pesquisa.

> Aliás, a identificação entre sujeito e objeto da pesquisa, no caso da história oral ter acarretado muitas vezes uma reificação das memórias dos entrevistados levado a tomar o discurso dos indivíduos não como um ponto de vista sobre o real, mas como uma realidade individual, uma totalidade fechada em si mesma e não uma singularidade num dado campo discursivo (Albuquerque Júnior, 2007, p. 40).

Dessa forma, os trabalhos do grupo PEMO tiveram o zelo de tratar a memória como um substrato permeado por lembranças e esquecimentos, que passa pelo filtro do narrador ao selecionar o que vai ser oralizado e do entrevistador, o modo como vai analisar os relatos.

Foi preciso despertar o olhar atento das biógrafas, pois quando elas se propuseram a narrar o recorte de uma vida, para que não acabassem produzindo uma obra heroica nem literária, era necessário buscar aproximarem-se ao máximo da

verdade e assegurar a cientificidade necessária às pesquisas acadêmicas. Compreender as mediações e as relações tênues e dialógicas que se exercem com o objeto de estudo tornou-se fundamental para as pesquisadoras que se arriscaram na escrita da história.

Outrossim, foi relevante observar a relação dialógica entre história e memória sempre discorrida nas pesquisas, pois são distintas entre si, mas precisaram ser compreendidas na relação que as constitui. “A memória é, portanto, em relação à história, um modo de seleção no passado, uma construção intelectual e não um fluxo exterior ao pensamento” (Dosse, 2015, p. 289).

Por fim, ao se optar pelo uso da história oral na biografia de educadoras, as pesquisadoras precisaram-se aprofundar no campo das análises historiográficas e, unanimemente, recorreram aos pressupostos teóricos da Nova História Cultural, que auxiliaram na discussão da história da educação e da história das mulheres, bem como no uso de categorias tais como história, memória, cultura, educação feminina, representação, cultura escolar, dentre outras para as quais a história oral foi fonte indutora de muita relevância.

5 Considerações finais

Este estudo discutiu a importância das fontes (i)materiais na escrita de trabalhos sobre mulheres educadoras a partir da experiência metodológica do grupo PEMO. A partir da análise de teses e dissertações produzidas por pesquisadoras desse grupo, foi possível identificar os tipos de fontes utilizadas na escrita biográfica de educadoras cearenses e como elas foram tratadas.

Nos trabalhos analisados, é recorrente o desenvolvimento de biografias hermenêuticas, partindo teoricamente da história cultural e metodologicamente, majoritariamente, da metodologia da história oral, para desvelar nuances de processos formativos, práticas docentes e contribuições femininas para a história da educação. Ademais, esses estudos permitem que a trajetória de educadoras cearenses e suas práticas sejam conhecidas e discutidas.

A escrita da história das mulheres exigiu uma ampliação na noção de fontes, que só foi possível após as discussões teóricas propostas pela terceira geração da Escola dos Annales. Houve, a partir de então, a mudança de paradigma acerca da noção de sujeitos, objetos e problemas da história, o que possibilitou a fundamentação

teórica das pesquisas realizadas, nas quais autores clássicos como Le Goff, Bloch, Burke, Dosse, entre outros, ganharam predominância juntamente com autores mais contemporâneos como Albuquerque Júnior, Portelli, Barros, Fialho etc.

Foi, a partir dessa mudança de paradigma, que as mulheres passaram a ser vistas como objetos da história e suas vidas puderam ser foco de pesquisas científicas. No entanto, para recontar as trajetórias femininas com foco na história da educação, as pesquisadoras esbarram na escassez de fontes, pois os rastros femininos foram silenciados do registro oficial da história, o que tornou a busca por vestígios mais árdua.

Assim, para a escrita de biografias de mulheres educadoras, foi preciso que as pesquisadoras traçassem caminhos alternativos, não se prendendo apenas a fontes oficiais e materiais, mas utilizando-se de fontes imateriais com ênfase na oralidade. Inclusive, os arquivos privados tornam-se fundamentais para a construção dos estudos, pois, neles, foram localizados diários, bilhetes, convites, fotografias e outras fontes que se constituíram relevantes no desenvolvimento da pesquisa biográfica.

Na seara das fontes, a história oral destacou-se como caminho fundamental para a construção da maioria das pesquisas biográficas. No entanto, os relatos orais precisaram ser problematizados a partir de quem os produz e do contexto de produção, pois a memória mostrou-se repleta de intencionalidades. O rigor metodológico e o trato responsável e crítico-reflexivo com as fontes ajudam as pesquisadoras a não se deixarem seduzir pelos relatos do biografado, evitando a ilusão biográfica apontada por Pierre Bourdieu (2006).

Reitera-se, por fim, a relevância das reflexões possibilitadas por meio da escrita biográfica de mulheres professoras por serem capazes de desvelar aspectos silenciados das narrativas oficiais e dar a ver o protagonismo feminino no cenário educacional. Por conseguinte, a partir da biografia de educadoras, é possível registrar e preservar as contribuições das mulheres para a história da educação, inclusive, ampliando a compreensão histórica e permitindo a elaboração de outras narrativas históricas a partir de novas interpretações.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um 'parto difícil'. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc., 2007. p. 39-52.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. Apresentação: o que pode a biografia hoje? *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, SE, v. 11, n. 2, p. 3-26, jul./dez. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/15006. Acesso em: 5 abr. 2025.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BASSO, Rafaela. A escrita da história de Natalie Davis no livro *Nas Margens.* Outros Tempos, volume 07, número 09, julho de 2010. Dossiê Estudos de Gênero. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/129 . Acesso em: 25 jan. 2026.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presente da história. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 219-229.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In:* FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-192

BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BLOCH, Marc. **Apologie pour l'histoire ou le Métier d'historien**. Paris: A. Colin, 1941.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais: a questão e uma escolha. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Le Livros, 1997.

CARVALHO, Scarlett O'hara Costa. **A educação de Maria Lilian Teixeira**: da infância no lixão ao ensino superior (1984-2014). 2022. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=107568. Acesso em: 6 abr. 2025.

CASTRO, Hebe. História social. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Le Livros, 1997.

COSTA, Maria Aparecida Alves da. **Educação e docência da travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018)**. 2023. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=109654. Acesso em: 6 abr. 2025.

CUNHA, Fernanda Lelpo da. **Biografia de uma educadora quilombola**: formação docente e atuação da Maria do Socorro Eugenio da Silva (1955-2001). 2024. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=117307. Acesso em: 6 abr. 2025.

DAVIS, Natalie Zemon. A Life of Learning: Charles Homer Haskins Lecture for 1997. New York: American of Learned Societies, 1997. Disponível em: https://www.acls.org/wp-content/uploads/2021/11/Haskins_1997_NatalieZemonDavis.pdf. Acesso em: 24 jan. 2026.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. **Revista Escritas do Tempo**, [*s. l.*], v. 2, n. 4, p. 7-36, mar./jun. 2020. Disponível em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249. Acesso em: 13 abr. 2025.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; SALES, José Albio Moreira de. Pesquisas biográficas na história da educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 26, p. 11-29, 2019. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743/6898. Acesso em: 13 abr. 2025.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. O estado da questão sobre a escrita biográfica de educadoras brasileiras. **InterSaberes Revista Científica**, [*s. l.*], v. 18, 2023. Disponível em: https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/e023tl4005. Acesso em: 6 abr. 2025.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Del periódico a Internet. Leer y escribir em los siglos XIX y XX. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (ed.). **Historia de la cultura escrita:** del Próximo

Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Gijón (Asturias): Ediciones Trea, 2002, p.317-381.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, Vitoria Chérida Costa. **Biografia educacional de Luiza Teodoro Vieira**. 2022. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=107905. Acesso em: 6 abr. 2025.

JANOTTI, Maria de Lourdes. Fontes históricas como fonte. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2023. p. 9-22.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al*. 7. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: novos problemas. Tradução Theo Santiago. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

MEDEIROS, Risalva Ferreira Nunes de *et al*. Entre Imagens e Letras: a memória da redemocratização do Brasil, a partir das fotografias dos livros didáticos de história. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [*s. l.*], v. 4, 2022. DOI: 10.47149/pemo.v.4.7336. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/7336. Acesso em: 9 abr. 2025.

MENDES, Marcia Cristiane Ferreira. **“Não posso ser professora da aldeia, mas posso ser prefeita da cidade”**: biografia de Iraci Cassiano Soares. 2022. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=107337. Acesso em: 6 abr. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes Audiovisuais: a história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2023. p. 235-289.

NOGUEIRA, Aurinete Alves. **Maria José Barbosa e sua contribuição para a Educação de Jovens e Adultos no Ceará (1995 a 2015)**. 2023. 127 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=112318. Acesso em: 6 abr. 2024.

PEREIRA, Lidiane da Silva. **A atuação da educadora Edite Braga na Escola Normal do Ceará (1922-1938)**. 2024. 169 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=116383. Acesso em: 6 abr. 2025.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Raimundinha Marques Tremembé**: protagonista da educação indígena diferenciada no Ceará (1991-2009). 2023. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=112542. Acesso em: 6 abr. 2025.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. *In*: FERREIRA, Maria de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 103-130.

PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES. Apresentação. Fortaleza: PEMO, 2016. Disponível em: http://pemouece.wixsite.com/pemo/integrantes. Acesso em: 5 abr. 2025.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Ensino, Doutorado. Fortaleza: PPGE, 2025. Disponível em: https://www.uece.br/ppge/ensino/linha-de-pesquisa/doutorado/. Acesso em: 25 set. 2025.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Politeia**: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3871 . Acesso em: 5 abr. 2025.

SOUSA, Ana Carolina Braga de. **Adelaide Gonçalves**: memórias de formação, contribuições docentes e utopias concretas de uma educadora, historiadora e militante política e social do Ceará (1978-2019). 2023. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=110330. Acesso em: 5 abr. 20225.

SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. **Reminiscências sobre as condições educativas no interior cearense a partir das docências de Marieta Benício e Maria José de Sousa (1936-1984)**. 2023. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=109378. Acesso em: 5 abr. 2025.

STASCXAK, Francinalda Machado. **Biografia da educadora Alba de Mesquita Frota e sua atuação na Cidade da Criança (1937-1954)**. 2021. 170 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=103222. Acesso em: 6 abr. 2025.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial,** 2003. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540/. Acesso em: 22 jan. 2026.

XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (org.). **História, Memória e Educação**: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018.

Recebido em junho 2025 | Aprovado em outubro 2025

MINI BIOGRAFIA

Lia Machado Fiuza Fialho
Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Pós-doutorada em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas da UECE (MPPP/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades - PEMO. Editora da revista Educação & Formação do PPGE/UECE. Pesquisadora produtividade CNPQ.
E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

Lidiane da Silva Pereira
Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de História da Rede Estadual de Ensino do Ceará (SEDUC-CE); jornalista formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC); historiadora pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Membro do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades - PEMO (UECE).
E-mail: lidianesp@gmail.com